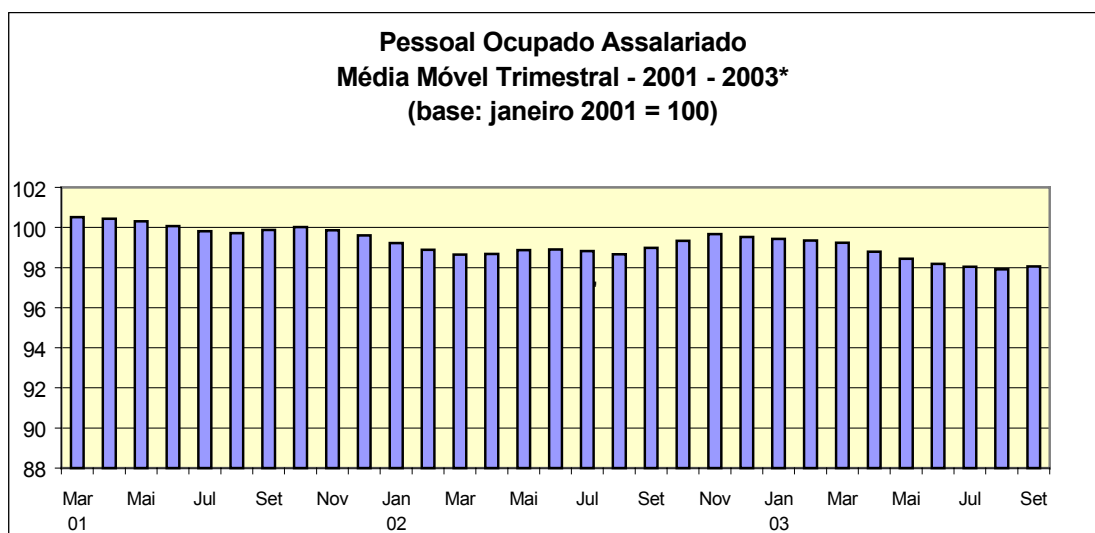


## Comentários

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Pelo segundo mês seguido o número de contratações no setor industrial supera o de demissões, na comparação mês/mês anterior, na série livre de influências sazonais. Em consonância com a recuperação observada na atividade industrial, setembro mostrou uma expansão de 0,8% nos postos de trabalho, após um crescimento de 0,1% observado em agosto. Já no confronto com setembro de 2002, o emprego ainda é negativo (-1,0%). No acumulado no ano a perda foi de 0,4%, e no acumulado dos últimos doze meses o decréscimo ficou em 0,3%.

A abertura de postos de trabalho verificada em setembro, tem reflexo nos índices de média móvel trimestral, que mostram o primeiro acréscimo frente ao mês anterior desde dezembro de 2002.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

\*série com ajuste sazonal

Em relação a setembro do ano passado o contingente de trabalhadores se reduz a uma taxa de 1,0%, sendo esse o sexto resultado negativo consecutivo. Dez áreas pesquisadas e

dez divisões industriais mostram perdas de postos de trabalho. Setorialmente, por ordem de influência, os ramos que participaram com os maiores impactos negativos na média nacional foram: vestuário (-7,0%), minerais não metálicos (-7,6%), têxtil (-5,9%) e calçados e couro (-5,2%).

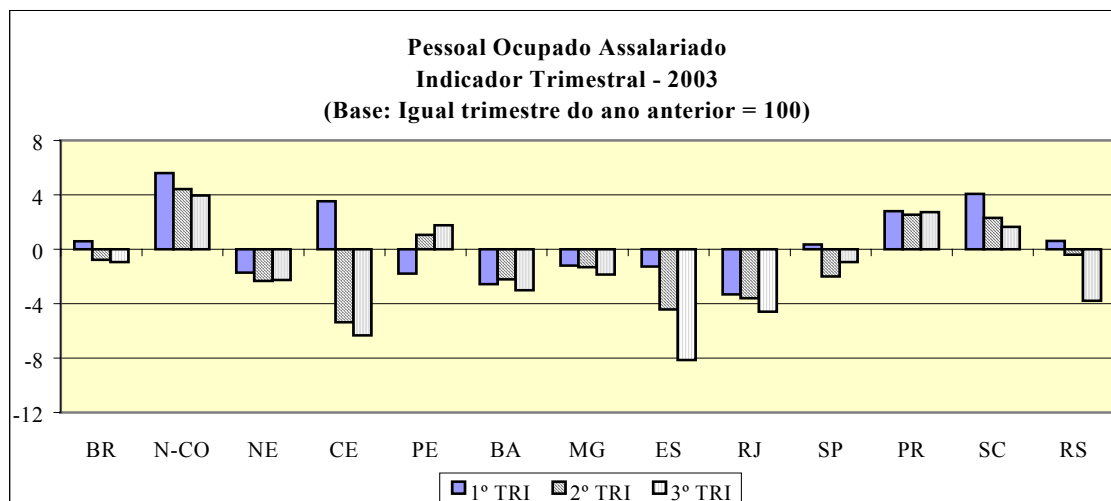
Ainda no confronto mensal, entre os locais que apontaram reduções mais influentes no nível de emprego, destacam-se Rio Grande do Sul (-4,3%), predominantemente por cortes de pessoal no setor de calçados e couro, Rio de Janeiro (-5,2%), apontando queda no emprego, principalmente, nos setores de vestuário e de produtos de metal e região Nordeste (-2,2%), sobretudo, devido à redução da mão-de-obra em vestuário. As contratações efetuadas pelas indústrias da região Norte e Centro-Oeste (3,2%) e Paraná (2,3%) exerceram as contribuições mais significativas, ambas impulsionadas por alimentos e bebidas, setor que alcança taxas de 3,4% e 13,2% nos respectivos locais.

O indicador acumulado no ano (-0,4%) confirma a trajetória descendente, uma vez que ao final do primeiro semestre apresentava taxa -0,1%. Em setembro, há um predomínio de taxas negativas que atingem nove locais pesquisados. São Paulo (-0,9%), permanece como destaque, dividindo com a região Nordeste (-2,1%) e o Rio de Janeiro (-3,8%), os principais impactos negativos na queda do emprego. Em contraposição, a região Norte e Centro-Oeste com aumento de 4,7% apresenta melhor performance, seguida da região Sul (1,2%), positivamente influenciada por Santa Catarina e Paraná, ambos com taxa de 2,7%.

Setorialmente, ainda no indicador acumulado para janeiro-setembro, as demissões superam as admissões em dez ramos, com destaque para a influência negativa vinda de outros produtos da indústria de transformação (-8,1%), seguido por minerais não metálicos (-5,5%). Novamente respondendo pelas pressões positivas mais significativas, destaca-se a indústria de alimentos e bebidas, com ampliação de 2,4% nos postos de trabalho.

Na análise trimestral observa-se que um ligeiro aumento no número de dispensas na passagem do segundo trimestre (-0,8%) para o terceiro (-1,0%). Especificamente no que se refere ao terceiro trimestre deste ano, as indústrias que reduzem mais intensamente a mão-de-obra são as do Espírito Santo (-8,1%), Ceará (-6,3%) e do Rio de Janeiro (-4,6%).

Já os aumentos mais expressivos no emprego ocorreram na região Norte e Centro-Oeste (4,0%), no Paraná (2,7%) e em Santa Catarina (1,6%).



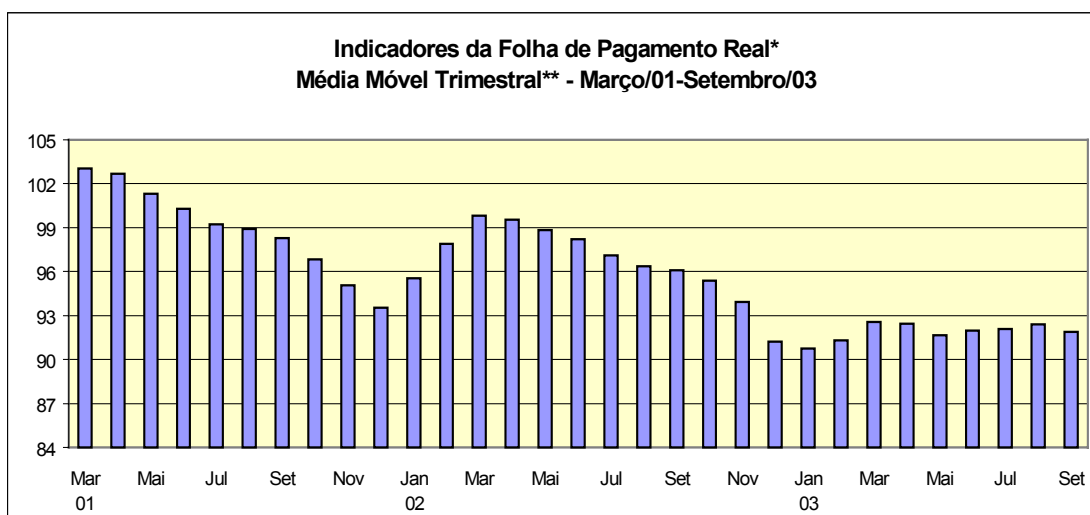
Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

A taxa anualizada, o indicador acumulado nos últimos doze meses (-0,3%), mantém estável o ritmo de queda nos últimos três meses.

Em síntese, verifica-se alguma recuperação no emprego industrial, que se amplia por dois meses consecutivos, mas ainda insuficiente para reverter o quadro negativo apresentado nos resultados para períodos mais longos.

#### FOLHA DE PAGAMENTO

A indústria brasileira reduz, pela segunda vez consecutiva, o valor real da folha de pagamento de seus trabalhadores: entre agosto e setembro há uma redução de 0,6%, já descontadas as influências sazonais, sendo este movimento de recuo confirmado no índice de média móvel trimestral. Este mostra uma perda de 0,5% no valor real da folha de pagamento entre os trimestres encerrados em agosto e setembro deste ano.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

\* Deflacionado pelo IPCA-IBGE

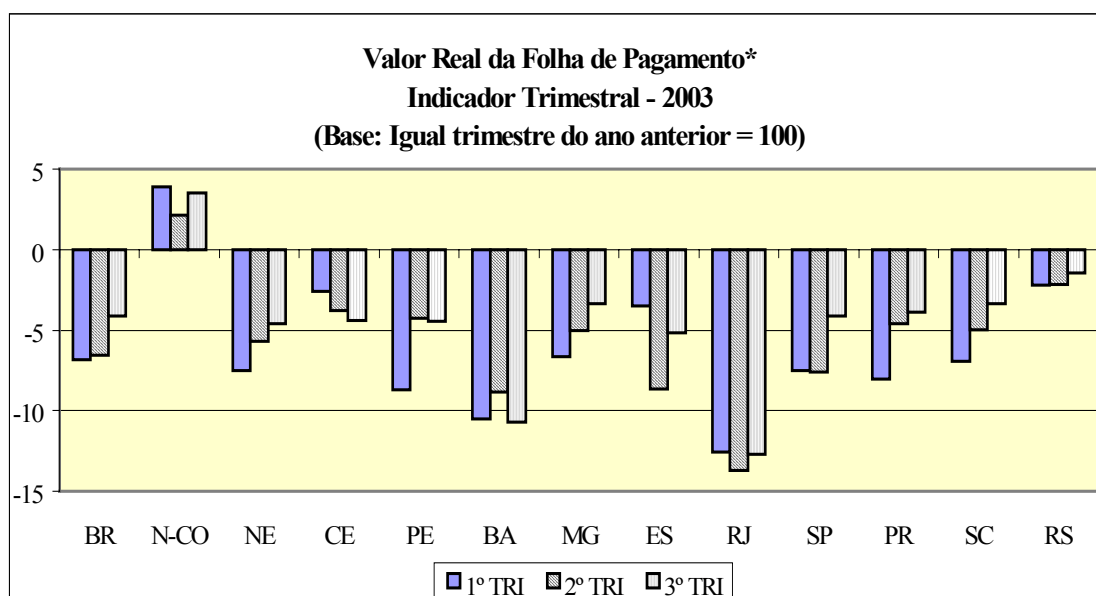
\*\* Série ajustada sazonalmente

Nos demais indicadores, a folha de pagamento da indústria brasileira ainda permanece mostrando perda real: -4,8% em relação a setembro de 2002, -5,9% no acumulado do ano e -5,1% nos últimos doze meses. No que tange à folha real média de pagamento também são registrados resultados negativos segundo os principais confrontos: -3,8% no mensal, -5,5% no acumulado do ano e -4,8% nos últimos doze meses.

Na comparação com setembro do ano passado observam-se reduções, em termos reais, na folha de pagamento em treze dos quatorze locais pesquisados. As indústrias de São Paulo (-5,1%) e, conseqüentemente, as da região Sudeste (-6,2%) respondem, mais uma vez, pelas contribuições de maior impacto na formação da taxa global de -4,8%, influenciadas sobretudo pelos decréscimos no setor de papel e gráfica (-18,9%, na primeira e -18,7% na segunda). Em termos de magnitude de queda, sobressai Rio de Janeiro (-16,2%), em razão, principalmente, da redução registrada nas indústrias extrativas (-31,9%), devido, em grande medida, ao pagamento de abonos em setembro do ano passado. Em contraposição, a região Norte e Centro-Oeste (4,2%) permanece como o único local pesquisado que apresenta expansão na folha de pagamento real, na comparação com setembro de 2002. Ainda neste confronto, em nível setorial são observados, no total do país, decréscimos na maioria (quatorze) dos dezoito setores pesquisados, ficando o recuo de maior impacto no cômputo geral com papel e gráfica (-14,9%), e, em menor escala, com indústrias extrativas (-17,5%) e minerais não-metálicos (17,8%). Apenas as indústrias produtoras de alimentos e

bebidas (3,5%), produtos químicos (2,2%), borracha e plástico (2,2%) e metalurgia básica (0,1%) exibem ganhos reais na folha de pagamento neste confronto.

No corte trimestral, apesar da taxa negativa, verifica-se uma redução no ritmo de queda do valor da folha de pagamento da indústria brasileira na passagem do segundo (-6,5%) para o terceiro trimestre (-4,1%). Este movimento está presente na maior parte (onze) dos locais e setores (dezesseis) pesquisados.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria  
\* deflacionado pelo IPCA-IBGE

No indicador acumulado no ano, ainda que os resultados sejam negativos na quase totalidade (treze) dos quatorze locais pesquisados, constata-se que o ritmo de queda vem se desacelerando, fruto, principalmente, do recuo das taxas de inflação ao longo de 2003. Apenas as indústrias da região Norte e Centro-Oeste (3,2%) elevam o total da folha de pagamento real de seus empregados. A maior perda real foi observada no Rio de Janeiro (-13,0%), ficando a principal contribuição negativa na formação do índice geral, também neste comparativo, com as indústrias de São Paulo (-6,4%), influenciadas sobretudo pelas perdas assinaladas nos setores de papel e gráfica (-18,0%) e de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-17,1%).

No total do país, ainda no indicador acumulado do ano, há redução na folha de pagamento dos trabalhadores em dezesseis dos dezoito setores analisados. Na formação da

taxa global de -5,9%, destacam-se com os maiores impactos negativos: papel e gráfica (-14,3%), minerais não-metálicos (-16,3%) e máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-12,6%). Com expansão figuram apenas os setores de alimentos e bebidas (1,7%) e refino de petróleo e produção de álcool (1,6%).

No que se refere à folha média real de pagamento da indústria, o indicador acumulado no ano, com uma retração de -5,5%, apresenta perdas em todos os locais e setores pesquisados. Regionalmente os decréscimos variaram entre o -0,7% registrado no Ceará e Rio Grande do Sul e os -9,6% do Rio de Janeiro, enquanto em nível setorial, as quedas mais intensas no total do país estão nas indústrias extrativas (-14,8%) e papel e gráfica (-12,5%).

Por fim, o indicador acumulado nos últimos doze meses mostra, na passagem de agosto para setembro, uma ligeira aceleração no ritmo de queda tanto do total da folha de pagamento, que passa de -4,9% para -5,1%, como na folha média (de -4,7% para -4,8%).

#### NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em setembro, o indicador do número total de horas pagas na indústria assinalou uma expansão de 1,9% em relação ao mês anterior, na série livre de influências sazonais, interrompendo assim, o quadro de redução que vinha se efetivando nos últimos quatro meses. Essa taxa é a mais elevada neste tipo de comparação desde abril de 2001. Entretanto, nas comparações para períodos mais longos, os índices permanecem negativos. O cotejo com setembro de 2002 exibiu recuo de 0,9%, mantendo-se, também, em situação de redução a comparação com o terceiro trimestre de 2002 (-1,2%), o acumulado no ano (-0,8%) e o acumulado nos últimos doze meses (-0,6%), que preservou o ritmo de queda estável. A jornada média de trabalho apresentou suave crescimento de 0,1% na comparação com setembro de 2002, e reduções de 0,4% no acumulado no ano e 0,3% nos últimos doze meses.

O número de horas pagas exibiu diminuição de 0,9% em relação a setembro de 2002, a sétima consecutiva, com onze dos quatorze locais pesquisados mostrando redução neste indicador. Em termos regionais, a principal contribuição negativa na consolidação do índice geral foi verificada no Rio Grande do Sul (-4,2%), seguido por Rio de Janeiro (-5,3%) e Região Nordeste (-2,1%). Mostraram-se, também, em retração: Minas Gerais (-

2,0%), Ceará (-6,2%), Espírito Santo (-7,9%), São Paulo (-0,1%), Santa Catarina (-0,1%) e Bahia (-0,2%). Inversamente, Paraná (3,6%), Região Norte e Centro-Oeste (2,7%) e Pernambuco (1,6%), deram origem às principais contribuições positivas, em razão, basicamente, do crescimento nas horas pagas em alimentos e bebidas, que atingiu taxas de 17%, 6,6% e 6,1%, respectivamente.

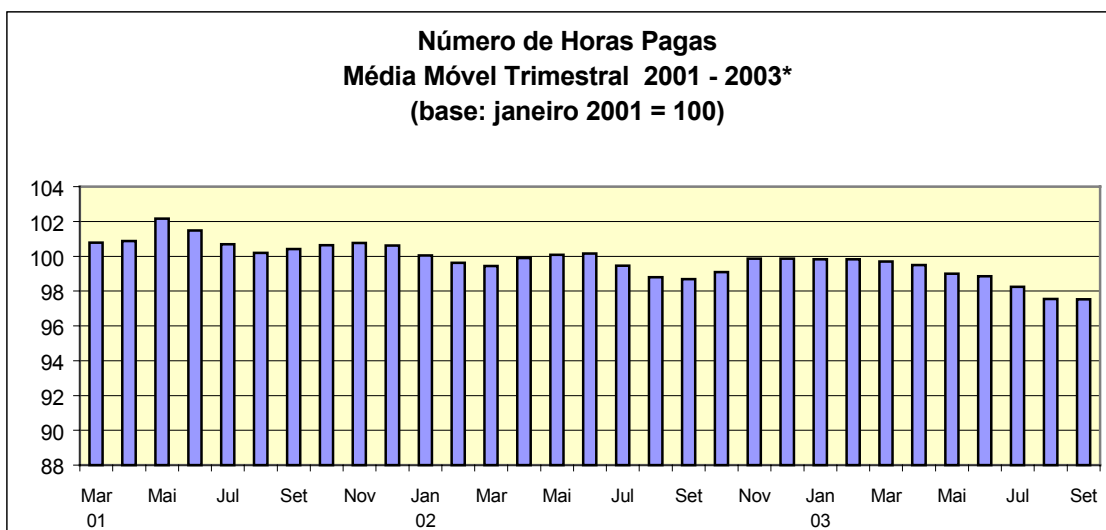
Em termos setoriais, ainda no indicador mensal, as pressões negativas mais relevantes na diminuição das horas pagas foram determinadas, principalmente, pelos setores de vestuário (-7,2%), têxtil (-6,9%), calçados e couro (-6,1%) e minerais não-metálicos (-6,4%). Inversamente, a maior contribuição positiva partiu de alimentos e bebidas (4,0%).

No terceiro trimestre do ano ocorreu uma redução da jornada de trabalho de 1,2%, relativamente a igual período de 2002, com nove setores assinalando taxas negativas de crescimento. Pela análise trimestral, verifica-se que, após um primeiro trimestre com taxa ligeiramente positiva (0,2%), o número de horas pagas mostrou variações negativas no segundo (-1,3%) e no terceiro trimestres (-1,2%).

O indicador acumulado no ano (-0,8%) refletiu as perdas na jornada de trabalho em doze setores pesquisados. As retrações que causaram maior impacto na formação do índice geral partiram dos setores de outros produtos da indústria de transformação (-9,6%), têxtil (-5,0%) e minerais não-metálicos (-5,2%). Por outro lado, novamente, alimentos e bebidas (3,1%) apresentou a principal contribuição positiva neste tipo de indicador. O indicador acumulado nos últimos doze meses (-0,6%) manteve uma trajetória de certa estabilidade nas horas pagas, com valor próximo aos verificados em julho e agosto (-0,5% em ambos), com doze setores exibindo retração. A principal contribuição negativa se originou na fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-9,1%), enquanto a maior positiva deveu-se a alimentos e bebidas (4,1%), repetindo, em termos de setores que se destacam, o observado nos três meses anteriores. Regionalmente, São Paulo (-1,7%), determinou a principal contribuição negativa, sendo acompanhado por reduções no Rio de Janeiro (-3,8%), Minas Gerais (-1,8%), Rio Grande do Sul (-1,3%), Região Nordeste (-0,6%), Espírito Santo (-3,3%), Ceará (-0,8%) e Bahia (-1,0%). Por outro

lado, os locais com os maiores impactos positivos foram: Região Norte e Centro-Oeste (3,9%), Paraná (3,5%), Santa Catarina (1,8%) e Pernambuco (3,8%).

O índice de média móvel trimestral, que vinha em trajetória declinante desde março do corrente ano, ficou estável entre agosto e setembro últimos, conforme demonstra o gráfico a seguir, refletindo o aumento das horas trabalhadas registrado neste último mês.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria  
\*série com ajuste sazonal